

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

*Jornal da Tarde*

Class.:

123

Data:

30.10.75

Pg.:

**Agora, os brancos não vão  
mais esperar  
pelos waimiri. A Funai  
tem muita pressa.**

A Funai alterará radicalmente a técnica de atração dos índios Waimiri-Atroari, como forma de apressar a pacificação do grupo antes que a estrada Manaus-Caracá seja entregue ao tráfego, em abril do próximo ano. O anúncio foi feito pelo sertanista Sebastião Firmo, que substituirá Apoena Meirelles, que pediu demissão da frente de atração em relatório enviado ao presidente da Funai, general Ismarth de Araújo.

As frentes de atração do Abonari e do Alalau — regiões habitadas pelos Waimiri-Atroari — utilizarão a partir de agora a mesma técnica do sertanista Gilberto Pinto, morto pelos índios no final do ano passado. A tática é ir ao encontro dos silvícolas em suas próprias malocas, para trocar presentes. Essa atitude é contrária à política adotada por Apoena Meirelles e apoiada pelo Conselho Indigenista Missionário, segundo a qual o índio, que já teria demonstrado não querer contato com os brancos, deve ficar em sua aldeia.

Segundo alguns técnicos da Funai, a mudança da tática de atração dos Waimiri-Atroari poderá trazer sérias conseqüências para a expedição. Um sertanista disse que "essas mudanças bruscas têm levado os Waimiri a praticar sucessivos ataques contra os brancos". Para esse e outros sertanistas, o grupo indígena não admite ainda amizade com os brancos, mas já os estavam aceitando, embora desconfiadamente. Uma alteração no método de contato, segundo esses sertanistas, modificará o comportamento dos índios em relação aos civilizados, que voltarão a ser encarados como invasores de terras.

Um mateiro que trabalhou com Gilberto Pinto e, até recentemente, com Apoena Meirelles, explicou que os índios fizeram dois ataques antes de matar Gilberto, no último mês de dezembro. Com Apoena Meirelles na frente de atração, os índios visitaram o posto da Funai três vezes, levando crianças. Havia, porém, um detalhe: quatro das crianças estavam armadas, imitando os guerreiros. Isso levou Apoena à conclusão de que os índios continuavam rejeitando o contato com os brancos. Por isso, ele insistia em não procurar os Waimiri-Atroari, aguardando que os próprios índios desejassem o contato.

A mudança na tática de aproximação com os indígenas não preocupa o novo responsável pela frente de atração, Sebastião Firmo. Ele afirma em um relatório que, se os métodos são iguais aos de Gilberto Pinto, que foi morto, são ao mesmo tempo, diferentes dos de Apoena Meirelles: "Vamos ao encontro dos índios porque foi essa a tática que os brancos sempre usaram para o diálogo com os Waimiri-Atroari. Corremos o risco de sermos atacados, mas a isso todos os sertanistas e homens ligados ao indigenismo estão sujeitos". Sebastião Firmo, que se encontrava aposentado quando Gilberto Pinto foi morto pelos índios, leva uma vantagem sobre todos os sertanistas que tentaram contato com os Waimiri-Atroari, o que poderá evitar atritos: ele conhece a fundo o dialeto do grupo. "Além disso", diz ele em seu relatório, "conhecemos todos os hábitos e gostos dos índios. Se gostam de trocar brindes, então vamos atender a seu desejo".

**NHAMBIQUARAS**

"Querer penetrar na questão dos índios Nhambiquara é o mesmo que mergulhar numa baía cheia de tubarões. Há muita gente importante comprometida e até agora a Funai não havia se interessado pelo problema". A declaração é do padre Antonio Iasi Júnior, do Conselho Indigenista Missionário. Ele está em Brasília para acompanhar os debates promovidos pela Funai, que procura uma solução para o problema desse grupo indígena, desalojado de sua reserva no vale do Guaporé (norte do Mato Grosso) por fazendeiros. Apesar de a área estar interdita pela Funai, os fazendeiros conseguiram há mais de dois anos autorização do próprio órgão para se estabelecerem lá. De acordo com o padre Antonio Iasi, uma das empresas que ocuparam a área tinha como associado um filho do ex-ministro do Interior, Costa Cavalcanti.

Nos debates que a Funai promove agora para resolver o problema, os antropólogos e indigenistas parecem estar chegando a um entendimento sobre as soluções que poderão ser tomadas pela Funai para garantir a sobrevivência do grupo Nhambiquara: quase todos concordam com a criação de uma grande reserva ao sul do vale do Guaporé, onde seriam reunidos os grupos atualmente dispersos.